

UMA ETNOGRAFIA DOS MESTRES DA PESCA ARTESANAL DA PRAIA DE CARNE DE VACA, GOIANA, PE

Cristiano Wellington Noberto Ramalho¹
Andrezza Andrade de Melo²

RESUMO

Este trabalho aborda os pescadores mestres de pesca artesanal da Praia de Carne de Vaca, Goiana, PE, tendo enquanto objetivo *identificar, a partir das histórias de vida/oral dos mestres de pesca, as mudanças ocorridas na pesca de Carne de Vaca nos últimos anos, seja na organização social e econômica do seu trabalho, seja nos elementos ligados ao tema socioambiental*. Assim, a etnografia foi o método utilizado, que se apoiou em procedimentos de campo como a história de vida, observação direta e entrevistas semi-estruturadas. Ao todo foram entrevistados 10 mestres de distintas pescarias e idades. Os resultados apontam para um conjunto de mudanças significativas, tais como: desmatamento de áreas de manguezais, poluição dos rios; expansão urbana desordenada; instalação de grandes empreendimentos com impactos negativos sobre a localidade; e a saída de jovens da pesca. Ademais, mudanças nas relações de trabalho (saída dos empreseiros da pesca – donos dos instrumentos de trabalho) trouxeram, por outro lado, elementos positivos. De todo modo, percebeu-se a importância dos mestres de pesca na formação de novas gerações de pescadores e na identificação e leitura dos principais problemas socioambientais que afetam a pesca local.

Palavras-chave: Mestre de pesca; pesca artesanal; Carne de Vaca.

1 Graduação em Ciências Sociais (UFRPE), Mestre em Sociologia (UFPE) e Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Atualmente é professor adjunto de sociologia do Departamento de Sociologia (DS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

2. Bacharel em Ciências Sociais – Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

AN ETHNOGRAPHY OF MASTERS ON ARTISINAL FISHING AT CARNE DE VACA BEACH, GOIANA, PERNAMBUCO

ABSTRACT

This paper broaches the artisanal fishing masters fishermen at Carne de Vaca Beach, Goiana, PE, aiming to identify, from oral real life stories told by masters on fishing, changes at Carne de Vaca Beach way of fishing in recent years , by social and economic organization of their work, whether in elements linked to environmental themes. Thus, ethnography was the method used, which was based on field procedures such as life history, straight observation and semi-structured interviews. Ten master teachers of fishing of different ages were interviewed. The results point to a number of significant changes, such as deforestation of mangrove areas, pollution of rivers; unplanned urban expansion; installation of large enterprises with negative impacts on the community; and young people quit fishing. Moreover, changes in labor relations (entrepreneur also quit- working instruments owners) brought on the other hand, positive elements. Anyway, it was noticed the importance of the masters on fishing on the formation of new generations of fishermen and identification and understanding of the main environmental problems affecting the local fishing.

Keywords: Master on Fishing; artisanal fishing; Carne de Vaca.

Apresentação

O tradicional município de Goiana localiza-se acerca de 60 km da capital do estado de Pernambuco (Recife), sendo o último do litoral norte deste estado. Teve sua história econômica e política marcada, secularmente, pela produção canavieira efetivada em grandes propriedades rurais, como discorreu Manuel Correia de Andrade (2005), o que ainda deixa marcas profundas na sua dinâmica econômico-social e política.

Goiana tem hoje, segundo o censo populacional do IBGE (2010), 75.644 habitantes, onde 17.619 pessoas moram nas áreas rurais. No que diz respeito ao contexto econômico, o produto interno bruto vincula-se, em primeiro lugar, ao setor de serviços (gerou R\$ 420.838 reais em 2011) e depois ao ramo industrial (R\$ 234.104 reais), cabendo a agropecuária o último posto (R\$ 48.439 reais). Tal fato mostra que esses indicadores se coadunam com as mudanças vividas por vários municípios há 4 décadas no Brasil.

Nos últimos anos, Goiana recebeu importantes investimentos governamentais - oriundos da esfera estadual e federal – e privados, ora para implantação de projetos como a estatal Hemobrás, ora para a instalação da montadora automotiva Fiat, o que começou a trazer novas dinâmicas socioeconômicas e ambientais à região estudada. Paralelamente a tudo isso, um trabalho histórico manteve sua importância, em termos, inclusive, de geração de renda e de alimentos para a população local: a pesca artesanal.

Por possuir valiosa biodiversidade costeira (estuários, mangues, rios, praias e o Oceano Atlântico), várias comunidades litorâneas e ribeirinhas (Atapuz, Baldo do Rio, Barra de Catuama, Catuama, Carne de Vaca, Pontas de Pedra, São Lourenço, Tejucupapo, por exemplo) fixaram-se e se desenvolveram na localidade, especialmente através do trabalho da pesca em águas marinhas, estuarinas e/ou fluviais.

Hoje, segundo dados levantamentos junto ao Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil, do Centro do Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste/Cepene - Ibama (2007), e ao Instituto Oceanário/UFRPE (2010) -, o município destaca-se como sendo a área mais importante na produção pesqueira extrativista de Pernambuco.

Na atualidade, de acordo com o Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, 2012), estão cadastrados em todo País 1 milhão de pescadores(as), onde o Nordeste brasileiro responde por cerca de 40% desse universo e Pernambuco conta com aproximadamente 17.000 trabalhadores(as) vinculados ao setor, ao longo dos seus 187 km de litoral².

O Brasil, em 2010, capturou 1.240.813 toneladas (t), com a produção pesqueira extrativista pernambucana contribuindo com 22.086 (t) do referido total, onde a artesanal é a hegemônica. Segundo dados do Instituto Oceanário (2009), o número de pescadores(as) em Pernambuco é mais expressivo, pois atingiria a somatória de 30.000 pessoas diretamente vinculados à atividade, que trabalham em barcos artesanais (motorizados ou não) ou pescam (siri, caranguejo, ostra) nas margens dos rios e estuários sem embarcações, como é o caso das mulheres. De acordo com o Ibama (Idem), a região de Goiana representaria mais de 30% do total de pescados capturados em Pernambuco no destacado ano.

Inserida nesse contexto situa-se a pequena praia de Carne de Vaca, em Goiana, que é a última do litoral norte de Pernambuco antes de se alcançar a Paraíba, estando a 80 km de Recife. Banhada pelos rios Goiana e Megaó e, também, pelo Oceano Atlântico, Carne de Vaca faz parte, desde o ano de 2007, de uma Unidade de Conservação (UC), a Reserva Extrativista Marinha de Acaú-Goiana (Resex Acaú-Goiana), cuja implantação deu-se por lei federal em 26 de setembro de 2007, e engloba os estados da Paraíba e Pernambuco, tendo 6.678,30 hectares. Todavia, apesar de se situar em uma UC, constatou-se, na pesquisa de campo, que isso não havia influenciado às relações de trabalho da pesca artesanal na frizada praia, pois, até o período de nosso estudo empírico, o plano de manejo não havia sido instalado. Por isso, a relação dos pescadores e pescadoras com a Resex não será analisado.

Por ser uma praia em que se pratica a pesca tradicionalmente, fato relatado pelos próprios pescadores e por estudos acadêmicos (RAMALHO, 2012a, 2012b), em um município onde esta forma de trabalho é relevante para milhares de famílias e onde a presença dos mestres de pesca assume valor estratégico para reprodução do próprio trabalho pesqueiro artesanal local, tomamos esses sujeitos

2 Tais dados do MPA (Idem) informam o número geral por unidade federativa sem detalhar por município, infelizmente.

(os mestres) como alvo de nosso estudo, por eles serem guardiões de um saber-fazer ancestral e, assim, profundos conhecedores dos processos socioambientais e econômicos ligados à pesca e à praia de Carne de Vaca.

Diante disso, algumas indagações emergiram: *Qual o papel dos mestres de pesca para a organização e continuidade desse trabalho e modo de vida em Carne de Vaca? Quais as principais mudanças socioambientais e econômicas vividas pela pesca artesanal local, a partir da compreensão dos mestres pesqueiros?*

Não é demais frisar que a pesca artesanal é classificada, por um conjunto de estudiosos (DIEGUES, 2004; MALDONADO, 1994; RAMALHO, 2015), como uma atividade tradicional, a saber, há uma dependência direta dos recursos naturais para sua existência material e imaterial; funda-se na utilização de técnicas e tecnologias de trabalho ancestrais e artesanais; tem um modo de vida baseado na oralidade e nas formas de transmissão de saberes e fazeres em que os mais velhos ocupam papel importante; a força de trabalho apóia-se nos laços familiares e/ou de compadrio; a produção é destinada ao consumo doméstico e ao comércio, etc.; e o mestre de pesca é o transmissor de um modo de trabalho e vida típicos da pesca artesanal (Idem; Ibidem).

Cabe mencionar que há algumas décadas as ciências sociais têm pesquisado as populações pesqueiras. É possível encontrar um vasto material produzido por Câmara Cascudo (1957), Diegues (1983; 2004), Furtado (1993), Maldonado (1986; 1994), Ramalho (2011; 2015), cujas especificidades do modo de vida, do trabalho, das relações socioambientais e culturais foram ressaltadas. O modo de vida dos pescadores e o conhecimento complexo e sofisticado que esses homens das águas desenvolverem para lidar com o mar e organizarem sua tripulação e suas relações com outros grupos sociais ou os marcos do capital (comerciantes, turistas, etc.) foram itens destacados pelos aludidos autores.

Para estudiosos da pesca (DUARTE, 1999; DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1994; FURTADO, 1993; RAMALHO, 2007), o mestre da pesca é um símbolo de um modo de vida, seu elo de produção e reprodução sociocultural que encontra nele uma espécie de educador do universo náutico e pesqueiro. É um portador de um patrimônio social, que se renova num diálogo permanente com os processos socioambientais e na busca por respondê-los, inserindo-os, ao buscar recriar a pesca em novos marcos societário, quando possível.

Para dar conta das indagações informadas anteriormente, foram utilizados diferentes procedimentos de campos, os quais se combinaram com o método da pesquisa etnográfica, ou seja, buscou-se dar conta das experiências cotidianas de um pequeno grupo social, em suas formas de ver, criar e vivenciar suas rotinas em seus aspectos simbólicos e objetivos (ANGROSSINO, 2009; WEBER, 2009). Assim, “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSSINO, Idem, p. 30). Nos estudos sobre pescadores, no Brasil e no mundo, a etnografia foi fartamente utilizada nas ciências sociais, bem como seus procedimentos de observação direta e de história de vida (BOIVIN, ROSATO, 2011; DIEGUES, 1983, 2004; MALDONADO, 1994; RAMALHO, 2006, 2011).

Embora não seja central em termos metodológicos, a questão da memória analisada por Pollak (1992), Bossi (1994) e Guérios (2008) não deixou de ser levada em conta, especialmente por termos como elemento importante os pescadores mais velhos e a história de vida, oral, deles. Nesse sentido,

Vale destacar que o trabalho da história oral junto aos segmentos populares resgata um nível de historicidade que comumente era conhecida através da versão produzida pelos meios oficiais. À medida que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor (MONTENEGRO, 2003, p. 16).

Então, tal perfil de pesquisador(a) - que tece sua pesquisa com fonte na história oral (de vida) - “sustenta que a *versão* da história da sociedade que se constrói é tão válida quanto aquela que deriva da consulta de fontes documentais como arquivos e registros fiscais ou policiais, por exemplo” (LOZANO, 2006, p. 24, grifo do autor). Ademais, segundo Guérios (idem), a história oral, a memória, também permite desvelar a identificação dos especialistas, aquelas pessoas responsáveis pelo domínio de um determinado conhecimento e a reprodução do mesmo. O que, para a nossa pesquisa, tem a ver com os mestres de pesca.

Carne de Vaca conta com uma associação de pescadores e marisqueiras, que agrega aproximadamente 180 membros. Desse total, que inclui tanto pescadores quanto pescadoras, foram escolhidos 10 pescadores mestres, de acordo com os

seguintes critérios: que trabalham nas principais pescarias locais (peixes, camarão e caranguejo); que tenham maior tempo de profissão e/ou sejam reconhecidos pelo talento para pescar, segundo os próprios pescadores da comunidade; que utilizem barco, pois esses fazem uso de espaços mais diversos de pesca (estuário, rio e mar) e são os “mais capacitados na pesca”, para os seus companheiros de profissão. Assim, a escolha restringiu-se aos homens; e, por fim, aqueles que se colocaram a disposição para dar entrevista. Boa parte dos mestres foi entrevistado por mais de uma vez. O trabalho de campo durou de agosto de 2013 a abril de 2014.

É importante destacar que os pescadores entrevistados serão citados pelos nomes e/ou pelos apelidos como são conhecidos e que iremos, na escrita deste artigo, entrecruzar depoimentos dos mestres de pesca³ com citações de autores acadêmicos.

1. A formação profissional da pesca artesanal

A pesca em Carne de Vaca caracteriza-se por ser artesanal, isto é, a mesma é marcada, como acontece em outras localidades brasileiras, “pela simplicidade da tecnologia e pelo baixo custo da produção” (MALDONADO, 1986. p. 15), onde os equipamentos de trabalho são produzidos e/ou reparados na própria comunidade (exceto as redes de náilon que são compradas fora do local).

Tais tecnologias, segundo o Ibama (Idem) e o Instituto Oceanário (Ibidem), possibilitam aos pescadores artesanais pernambucanos utilizarem determinados trechos de rios, mangues, estuários e do mar, no intuito de capturarem determinado pescado, fato que exige um refino de conhecimento daqueles que se dedicam a este modo de vida, a este trabalho. Para alguns estudiosos,

A tecnologia vigente, na atividade pesqueira em toda parte do estado de Pernambuco, acaba exigindo dos trabalhadores da pesca uma enorme capacidade de compreensão dos recursos naturais aquáticos, enquanto parte do seu patrimônio cultural (RAMALHO, 2006, p. 53).

3 Em Carne de Vaca, mestre de pesca também é conhecido como *pescador mais sabio, mais experiência, mais capaz* ou *mais entendido de pesca*. No presente artigo, iremos chamá-lo apenas de mestre, pois é um termo que congrega os demais.

O depoimento do pescador seu Mário, que captura, em determinadas épocas do ano, caranguejo e, em outras, peixes, evidencia bem isso: “as nossas armadilhas, nossos instrumentos de trabalho são antigos e sem modernagem. Por isso, temos que ter sabedoria maior do que os caras que pescam nos estrangeiros com sonar, GPS. Aqui, tudo é na base da sabedoria, da cuca”. Isso mostra o significado do valor do saber-fazer para que a pesca aconteça.

No caso dos grupos de trabalho que saem para as águas, eles se organizam em torno de laços de parentesco ou de amizade não havendo vínculo empregatício entre as partes, o que é ressaltado pelo antropólogo Antonio Carlos Diegues (2004, p. 246) quando esse escreveu que a pesca artesanal tem “[...] uma organização social baseada no trabalho familiar, comunitário ou coletivo”. Acerca disso, dos 10 mestres de pesca entrevistados em Carne de Vaca, todos foram iniciados no ramo por parentes mais velhos (pais, irmãos, tios, avós) e ainda hoje trabalham com pessoas próximas (parentes, amigos, compadres, filhos). Por exemplo, na compreensão do pescador Ezequiel, “tudo na pesca daqui passa pela família, no ontem e no hoje”.

A pesca artesanal recria-se na mesma medida em que consegue (re)estabelecer elos familiares em seu mundo do trabalho, em sua sociabilidade. Por exemplo, os ensinamentos transmitidos pelos mestres de pescaria são de pai para filho, neto ou sobrinho, ocorrendo, em algumas situações, pequenas mudanças nisso, quando o saber-fazer é repassado para afilhados, etc. Na década de 1950, o folclorista Câmara Cascudo (2002, p. 15) já destacava sobre um tipo de pescador clássico do Nordeste brasileiro: “o jangadeiro é filho de jangadeiro”. E é por meio desse elo familiar que se passa a reprodução e reconstrução do conhecimento pesqueiro comunitário.

O saber-fazer pesqueiro e o conhecimento sobre as dinâmicas ecológicas são adquiridos quando se olha, escuta, faz e repete o que ensinam, dizem e executam os mais velhos, os mestres de pesca. No entender do pescador seu Lourenço, “os mais velhos são os cabras que sabem mais e ensinam a atividade, que época da lua é melhor, que maré é mais bacana para pescar”. No entender da antropóloga Maldonado (Idem), os mestres representam a própria continuidade da pesca artesanal em muitas localidades do Brasil. Sendo assim, os mestres são educadores, formadores de um ofício, em seu aspecto material e imaterial (representações

sobre as águas e o próprio trabalho).

Devido a isso, a pessoa do mestre é essencial na pescaria. Para a antropóloga Simone Maldonado (1994, p.134), “falar-se de *mestre* e da *mestrança* é falar de algo universal e indissociável à pesca [grifos da autora]”, pois ninguém melhor do que esse personagem para congregar todo um saber-fazer do ofício de ser pescador⁴, com a qualidade de dominar as formas de apropriação social do espaço aquático.

Orientar e saber o momento certo do amadurecimento cognitivo de um pescador para que ele possa embarcar e/ou exercer determinadas funções no barco (algo necessário para a faina no mar projetada no jeito de trabalhar e desenvolver a pescaria em técnicas manuais, visuais, rítmicas para pôr e retirar a rede), esse é um dos papéis do mestre. Além disso, o deslocamento de uma atividade menos para uma mais sofisticada “depende fundamentalmente da avaliação do mestre” (Lima, 1997: 169), da sua certeza de que determinado pescador será capaz de realizar, de agora em diante, tal tarefa e não mais aquela. São os percursos iniciais para se alcançar o todo, a arte da pesca. Assim, o “mestre testa os pescadores para ver se eles sabem mesmo” (seu Mário), para observar aptidões presentes ou não.

Nesse sentido, há o que pode ser classificado de uma progressão na pesca oriundo do talento, onde a ascensão de atividades é definida sem imposições individuais, pois decorre de reconhecimento comunitário. Evidentemente que cabe ao mestre avaliar cada um, porém os critérios são conhecidos coletivamente e ganham o aval também da tripulação, haja vista que a qualidade do pescador deve ser demonstrada objetivamente no seu criar sensível, diariamente. Assim, a passagem a outra função, no barco, torna-se natural. Esse circuito de reconhecimento não conduz, mecanicamente, o pescador ao posto de mestre, no decorrer de sua vida (RAMALHO, 2011).

Em Carne de Vaca, os pescadores - muitas vezes - retiram sua renda exclusivamente da venda dos pescados, que pode ocorrer à beira mar ou em suas residências, sem a necessidade de estruturas comerciais mais complexas. Também repassam sua produção aos atravessadores locais, que, na maioria, são parentes ou amigos da localidade, e/ou vendem para atravessadores de outros municípios

4 Vale salientar que o mestre é personagem também comum as mais diversas atividades artesanais que existem até hoje em várias localidades brasileiras.

(esses em menor número), os quais procuram à produção pesqueira dessa praia. Na fala do pescador seu Lula, “normalmente vendemos os pescados por aqui mesmo, para quem conhecemos bem”.

A atividade pesqueira também traz a informalidade na hora do repasse dos saberes da pesca, ou seja, algo típico da pesca artesanal. Em relatos, os mestres de pesca afirmaram que aprenderam a profissão na infância, através da observação de outros pescadores, em suas práticas do dia a dia. Dessa forma, fica evidente a importância da oralidade no repasse do saber-fazer da pesca artesanal, da aprendizagem empírica. A apropriação dos saberes é feita por meio da realização das tarefas confiadas pelos mais experientes aos iniciantes, que, no caso para os atuais mestres de pesca, ocorreu quando os mesmos eram muito jovens. A atividade confiada era adaptada à força e à capacidade de manuseio de uma criança, normalmente pelo pai.

A fala do pescador abaixo clarifica bem isso:

O trabalho que eu tinha... dentro desse trabalho do meu pai na pesca, era só pegar aquele cambito e entregar a ele. Eu dentro da canoa, e ele dentro da água, botando na rede. Eu era tão pequeno que só fazia isso: pegava aquele cambitinho e entregava a meu pai, empurrando a canoa e entregando cambito pra ele botar na rede (Edeburgo).

Fica evidente que a relação de trabalho inicial opera-se entre parentes ou conhecidos, que já realizavam a atividade pesqueira; e isso sempre foi assim, como pudemos entender pelas entrevistas e observarmos em campo.

Contudo, há uma única diferença. Nos relatos dos mestres de pesca, a situação de vida em Carne de Vaca era muito diferente da atualidade, visto que, para as crianças, não havia alternativa a não ser ingressar na pesca em tenra idade para ajudar seu pai (existiam, inclusive, dificuldades de acesso à escola). Por isso, entre os entrevistados mais velhos, constata-se o baixo grau de escolaridade, sendo, assim, característica comum. Além da referida questão da escola, a condição de vida difícil e, conseqüentemente, a necessidade de ajudar na renda em casa, levava as crianças a ingressarem na pesca artesanal em Carne de Vaca.

Eu não fiz série nenhuma, porque não deu tempo de estudar. Meu pai era muito pobre, não tinha nada, e agente tinha que ajudar, e a vida foi essa até agora (Lula).

Necessidade. Foi ela quem me ensinou a trabalhar, porque não tinha condição de trabalho [outros trabalhos]. A pessoa com oito anos não tem trabalho (Ciço).

Eu só fui até o fundamental, nem terminei (Edeburgo).

Estudei até a 4^o série. (Chaba).

Hoje, esse cenário de ingresso de crianças na pesca modificou, devido à presença da escola fundamental no local e de várias políticas públicas (bolsa família, por exemplo), bem como a melhora de renda da família de pescadores (tocarei nesse último aspecto mais adiante).

Antes da década de 1980, tinha-se apesar das dificuldades mencionadas, segundo os pescadores, maior “facilidade para pescar”, por conta da maior quantidade de pescados existentes no local, a saber, havia uma maior fartura de produção de peixes, crustáceos, algo que não acontece atualmente.

Para alguns pescadores, isso “foi por causa do desmatamento dos mangues... da poluição mesmo das águas dos rios daqui” (Izaque, pescador). Segundo seu Mário, por ter ocorrido um crescimento populacional, “muita gente se voltou para a pesca, porque não tinha outra ocupação e nem estudo para pegar outros serviços”, e isso gerou um aumento na pressão sobre o ambiente.

O tempo de fartura e o tempo da falta de fartura, em relação à quantidade de pescados, é marcado depois da década de 1980. Isto significa que o tempo social vive em simbiose, para esses profissionais, com o tempo da natureza. “É os anos de 1980... tudo foi quebrando... diminui os peixes... aumentou a poluição... desmatou-se muito... muita casa de veranista avançou sobre o mar... ficou ruim” (Seu Mário).

2. O comércio, os instrumentos empregados na pesca e os impactos ambientais

A área destinada à pesca em Carne de Vaca pode ser definida como o do mar de dentro (praias, rios, estuários, mangues), isto é, lugares em que não se atingiu o mar aberto, o mar de fora, que é depois dos arrecifes. Para a exploração

desta área, os pescadores de Carne de Vaca utilizam de pequenas embarcações. Na realidade, um tipo de canoa chamada de caíco (uma pequena canoa feita de madeira), como é conhecido pelos pescadores. O caíco, que é a embarcação predominante nos dias atuais, difere da antiga canoa (utilizada no passado), tanto pelo tamanho, quanto pelo formato do casco.

Antigamente era canoa, hoje é caíco. A canoa era mais trabalhosa. Até pra uma construção de uma canoa, era muito trabalho nela, porque tinha que fazer um modelo. Era quase assim como que nem um quebra cabeça, pra fazer uma canoa, e o caíco não. O caíco... a tabua é completa, se amarra ele na proa e na popa, faz o modelo dele e daí vai botando as tabuas, hoje qualquer tipo de madeira se faz uma proa de um caíco. (Edburgo).

A mudança da canoa grande para a canoa pequena, o caíco, é entendida como um avanço. Tal embarcação (canoa⁵) do passado é vista de maneira negativa, pelas suas dificuldades na prática do dia a dia. As Canoas eram grandes e pesadas, fato que trazia contratempos para se acessar determinados locais de pesca nos mangues, por exemplo.

Ademais, não é permitido mais seu fabrico, pois elas faziam usos de árvores que, hoje, têm seus cortes proibidos pelo Ibama. Com as embarcações atuais, o caíco, há a possibilidade de acoplar um pequeno motor de barco (motor de rabeta), ação essa que facilitou o trabalho dos pescadores, ao permitir maior agilidade e diminuição do tempo empregado no deslocamento da embarcação para se atingir os pontos de pesca, diminuindo significativamente o esforço físico dos trabalhadores quando comparado à utilização dos ventos e do remo no passado, como explicitado no depoimento a seguir.

Houve uma mudança boa. O trabalho, hoje, é melhor pra gente. Hoje já têm muitas dessas navegações... já tem motorzinho pra andar, e não é mais aquela agonia de pano. Quando yinha que ir pra Pontas de Pedra [praia vizinha a de Carne de Vaca em seu sentido norte], tinha que sair duas horas da tarde, pra pescar lá de cinco, porque era de acordo com o vento. Eram duas horas de viagem, e hoje a gente... com um motorzinho desse a gente vai pra lá e gastamos 35 a 40 minutos. (Cíço).

5 Assim como é feito pelos pescadores, iremos chamar, de agora em diante neste artigo, a canoa grande apenas de *canoa* e a canoa pequena de *caíco*.

Embora tenham ocorrido tais mudanças, o modo de fabricação continua sendo artesanal, e o mesmo se deu com várias técnicas náuticas e pesqueiras que foram mantidas. O pescador Tato mencionou algo sobre isso: “mudou várias coisas, mas o jeito de fazer não mudou muito não... a gente vai com base nos antigos conhecimentos sobre maré, sobre peixes, sobre ventos, sobre o jeito de fazer mesmo”.

No passado, utilizavam-se arrastões de praia, os mangotões, como chamavam os pescadores, principalmente para a captura do camarão. Hoje, essa técnica praticamente sumiu da localidade, devido, inclusive, ao desaparecimento desse crustáceo, que se somou às proibições de seu uso em decorrência de sua malha fina. Outro tipo de pesca que teve seu declínio na comunidade foi a de curral. Tais pescarias eram de propriedade dos empreseiros (é um termo local, que representa um personagem misto de comerciante também de pescado e proprietário dos instrumentos de trabalho da pesca), tendo, praticamente, desaparecido quando esse sujeito social deixou de controlar e existir na pesca de Carne de Vaca na década de 1990.

Em contrapartida, pescarias feitas com as redes de tarrafa, de espera e de cerco, assim como a pesca de linha, são “tão antigas como o próprio serviço de pescar por aqui” (Lula, pescador) e continuam a existir e difundir-se na localidade, dos mais velhos para os mais jovens.

Continuidade essa que acontece com os melhores lugares para pescar, os quais dependem exclusivamente das estações do ano. Tais pontos de pesca respeitam as condições climáticas, ou seja, as estações, porque no período de chuva, de junho a agosto, não se utilizam os rios da região (“a água fica barrenta”, João Paulo, pescador), indo para outros lugares (frequentar mais o mar em frente a Carne de Vaca, a praia de Pontas de Pedra, Barra de Catuama, por exemplo) e na época de verão, de setembro a maio, pode-se pescar em toda parte (rios e no mar da localidade). “Por aqui sempre foi assim”, frisou Dorgival (pescador).

Agora, nada mudou mais em Carne de Vaca do que a forma como se comercializam os pescados. Sobre o comércio de pescados, é importante recuperar o que destacou uma antropóloga, a saber, “os pescadores autônomos, ou artesanais, mantêm laços frouxos com o mercado de pescado, relacionando-se com ele através de intermediários, com quem tendem a estabelecer relações fortes e tensas”

(MALDONADO, 1986. p. 51).

No passado, essa relação se dava por meio de empreseiros, onde a comercialização retirava do pescador a figura de centralidade, transportando não para estes e sim para aqueles a posse da produção a ser comercializada. Com isso, o poder econômico não ficava nas mãos dos pescadores, que ocupavam na organização econômica papel secundário nos ganhos, embora fossem os sujeitos mais importantes da produção pesqueira. Seu Edeburgo narra que “a gente tinha a obrigação de repassar tudo pra eles [os empreseiros] e, muitas das vezes, como pagamento a gente recebia um vale... vale igual ao que acontecia nos engenhos”. Era uma espécie de “sistema de barracão” de engenho⁶ baseado no vale, onde ficavam sempre devendo aos empreseiros por serem enganados nas contas (a maioria dos pescadores era de analfabetos), como frisaram, quando efetivam aquisições de alimentos nas mercearias desses empresários e comerciantes locais. Isso explica o fato de que, quando questionados sobre a forma que ocorria o comércio de pescados no passado, o mesmo é narrado de forma negativa. Para os pescadores, a atuação dos empreseiros é sempre tratada como analogia da escravidão.

Os pescadores submetiam-se aos empreseiros por não terem, na época, condições materiais para adquirirem os instrumentos de trabalho (barcos, currais e armadilhas), principalmente pelo fato de não auferirem renda monetária com a atividade graças ao “sistema de barracão” empregado, e também por falta de capacidade de armazenagem dos pescados (não tinham como conservá-los). Como visto por Diegues (1983) e Maldonado (1986), a intensa perecibilidade dos pescados é que determina o ritmo de comercialização e as formas de acesso ao mercado, influenciando diretamente na tensão existente entre os pescadores e os

6 Sobre o sistema de barracão e outras lógicas de dominação pessoal que existiam nos engenhos, vale ler: ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuições ao estudo da questão agrária no Nordeste*. 7ª. edição. São Paulo: Cortez, 2005; GARCIA Jr, Afrânio Raul. Senhores e moradores: a dependência personalizada. In: _____. *O Sul: caminho do roçado*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora da UnB; MCT-CNPq, 1989. p. 37-58; SIGAUD, Lygia. “Se eu soubesse”: os dons, as dívidas e suas equivalências. In: *Revista Ruris*, IFCH-Unicamp, Campinas, Vol. 1, n. 2, p. 123-153, 2007; WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “Morar e trabalhar”: o ideal camponês dos assentados de Pitanga (estudo de caso no Nordeste). In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. p. 203-246.

comerciantes de peixe e na submissão dos primeiros aos segundos.

A atuação dos empreseiros ocorria da seguinte forma: como possuíam as embarcações e os instrumentos de pesca, “cediam” esses aos pescadores para trabalharem, segundo termo local. Na hora de contabilizar os ganhos, repassavam uma pequena parte aos pescadores (25% do total do ganho), ficando com 75% do lucro com os pescados. Em muitas situações, os 25% eram divididos, para uma equipe forma por 2 a 4 pescadores, na forma de vale.

Como pode se vê a memória de um passado negativo tem uma forte ligação com sistema dos empreseiros, seu sistema de barracão, fazendo com que os pescadores frisem que “era muito ruim assim” (Ciço, pescador). Dessa maneira, os relatos dos pescadores mais velhos descrevem a referida época, como já salientamos, em paralelo à escravidão, onde o pescador que não possuísse uma canoa ou rede ficava obrigado a trabalhar para o “empreseiro” dia e noite, recebendo um valor baixíssimo em dinheiro; isso quando recebiam dinheiro, visto que muitas vezes eram forçados a adquirir alimentos no estabelecimento (vendas) do empreseiro.

Na época tinha, sabe, toda época teve atravessador, o Zé de Souza praticamente essa área toda aqui ele comandava, canoa aqui ele pintava tudo de verde, que era tudo dele (Lula).

Na época era que nem um engenho. A gente entregava todo o material, tinha um barraco que vendia as coisas, se não tivesse dinheiro na hora para pagar a gente... aí o cara lá tinha o que vender pra gente, aí a gente comprava em mercadoria, ou se não esperava quando ele voltasse da cidade para receber o dinheiro tarde (Edeburgo).

As memórias dos mestres de pesca podem ser classificadas como “lembranças dos ‘especialistas’, que são, em geral, tratadas como elementos de uma ‘memória coletiva’ portada pelo grupo como um todo, mas melhor conhecida e dominada por alguns de seus membros (GUÉRIOS, 2008, p. 372), uma vez que o passado negativo da pesca é conhecido pelos membros da família dos pescadores e até mesmo pelos moradores da região, da praia de Carne de Vaca, entretanto é mais bem explicado pelos mestres, repassado e mantido por eles. Conforme afirma Pollak (1992), a memória é socialmente construída e não há diferenças entre fonte escrita e fonte oral, por meio da história oral, também história de vida, que

é um instrumento valioso de estudo. Nunca é demais destacar que a memória é um meio privilegiado para resgatar o passado. Segundo alguns estudiosos, a história de vida resgatará, por meio dos relatos dos setores populares, histórias das vivências cotidianas (ou de certos acontecimentos) negadas ou desconhecidas pelos meios oficiais e alguns estudos acadêmicos (AMADO; FERREIRA, 2006; BOSI, 1995; MONTENEGRO, 2003).

Segundo um dos pescadores mestres,

A pesca de antigamente pra cá mudou uma boa uma parte que... essa parte era que a gente era proibido de vender nosso produto. Hoje é a gente mesmo que vende o nosso produto, e só se vende a atravessador quando é muito peixe. Quando é pouco a gente vende à retalho mesmo. A situação da compra da rede hoje é melhor pra gente. A gente ganha mais, já que a gente não entrega o produto a empreseiro vende por um preço melhor, e a gente consegue pagar o empréstimo que a gente pegou no banco. E antigamente, se a gente tirasse um empréstimo no banco, a gente não podia pagar, porque o lucro ia simhora com o empreseiro (Chaba).

Os mestres afirmam que, com a saída dos empreseiros na década de 1990 e início do primeiro decênio do século XXI, a situação econômica dos pescadores apresentou grande mudança, fato esse favorável para eles. Alguns pescadores apontam que a facilidade em adquirir empréstimos bancários - junto ao Banco do Nordeste com o acesso do Pronaf B - para aqueles que trabalhavam com a pesca artesanal foi um dos fatores determinantes para a saída dos empreseiros, pois os homens do mar, agora, já possuíam suas embarcações e redes, e não necessitavam se submeter mais aos empresários da pesca. Os pescados passaram a ser vendidos pelos próprios pescadores, possibilitando a circulação de dinheiro nas mãos dos mesmos que não eram mais forçados pela necessidade a trabalhar nos barcos dos empreseiros ou adquirir gêneros alimentícios nos comércios destes. Somando-se a isso, adquiriram frises e/ou geladeiras, o que permitiu conservar melhor os pescados para vendê-los em momentos mais oportunos, para comerciantes e veranistas que começaram a chegar a praia a partir do melhoramento das pistas locais e de suas ligações com a BR 101 Norte.

Se, por um lado, a saída dos empreseiros foi questão positiva, por outro, nesse mesmo momento histórico, mudanças ambientais negativas começaram a apre-

sentar-se na região. Assim, a escassez de pescados começou a dar sinais, já não existindo a oferta de antigamente. Sendo assim, a região estudada já apresenta indícios de um esgotamento de oferta pesqueira. A partir das entrevistas coletadas, foi possível perceber que, com o passar do tempo, houve uma diminuição gradativa na quantidade de quilos trazidos após uma jornada de trabalho nas águas. Esta comparação entre o passado e os tempos atuais é sempre feita pelos mestres, quando se questiona qual a situação da pesca, hoje. Os tempos de fartura de pescados estão diretamente ligados ao tempo de atuação dos empreseiros, mas não pela presença desse personagem e sim pelas condições ecológicas da época que favoreciam a reprodução de espécies variadas de pescados nos rios, estuários e mar que banha Carne de Vaca.

Há, aparentemente, uma suposta ambivalência na visão sobre o passado, visto que o mesmo é compreendido como algo ruim e bom ao mesmo tempo. Todavia, isso pode ser melhor explicado. Classificar o passado de ruim é vê-lo como algo vinculado aos empreseiros e, portanto, à expropriação intensa do trabalho dos pescadores, e entendê-lo como bom deve-se a fartura de pescados encontrados e capturados em decorrências das condições ambientais favoráveis dos ecossistemas locais. Dessa forma, mesmo que hoje a captura de peixes, mariscos e crustáceos sejam menores, o pescador encontra-se livre dos atravessadores ao receberem integralmente pela sua produção.

Naquele tempo se pegava muito produto, mas a condição de vender era mais ruim. Hoje em dia se pega pouco, mas é melhor. Hoje falta o produto, e naquele tempo tinha demais. Hoje seria melhor de vender, mas naquele tempo era tudo difícil (Lula, pescador).

Mudança de hoje é que a pesca tá mais extinta, não tem o produto que tinha antes. Agora em relação ao valor de antes pra hoje, é 100% a mais. Hoje o cara faz uma prestação, e se o cara for pescador mesmo... faz a prestação e paga com a pesca. Hoje você ainda compra as coisas, e ainda faz uma prestação para pagar de pesca (Edeburgo, pescador).

Naquela época, o mar era muito rico de camarão, siri, peixe. A gente só vivia disso aí mesmo, a vida da gente era essa, aí depois, passou um tempo e meu irmão Lula disse- “pai, pescaria no rio não tá dando não” (Dorgival, pescador).

No passado era bom, porque tinha produto pra gente pegar, agora fracou mais, mas, antigamente, não tinha a quem vender. Era muito ruim de vender, vendia na empresa, e o dinheiro era pouquinho, hoje em dia pra vender é mais fácil, mas falta o produto (Tato, pescador).

Foi possível constatar que há uma preocupação com a questão ambiental, principalmente por parte dos mais velhos, uma vez que eles trazem em suas memórias a época da fartura e possuem consciência de que, ao passar dos anos, a situação vai se agravando, devidos aos impactos negativos sobre o meio ambiente (desmatamento dos mangues; poluição dos rios e estuários decorrentes de fábricas, usinas e esgotamento doméstico; implantação das fazendas de camarão; especulação imobiliária). Os discursos empregados vão em direção à dificuldade da sobrevivência por meio da pesca, dada a realidade ambiental, e apontam ainda a necessidade de aplicação de medidas preventivas relacionadas à proteção do estuário, rios e mar, e é aqui que surge a esperança na organização da Resex Acaú-Goiana para superar essas adversidades. “Com ela [a Resex], temos oportunidade boa de melhorar o ambiente nosso de trabalho” (Seu Edeburgo, pescador)

Apesar dos sinais de esgotamento, para os pescadores, o presente é visto com “muita felicidade”, pois mesmo que não se capture a metade da produção de antes a autonomia de trabalho e comercialização são motivadoras para a continuidade na atividade. Soma-se isso o sentimento de liberdade que a pesca gera para os mestres, ou como dizem, “trabalho para mim mesmo e não bato cartão para ninguém” (Seu Lourenço), aspecto que se apresenta como um grande atrativo.

As principais causas apontadas pelos mestres para os impactos ambientais na região nos últimos tempos são de ordem econômica, tais como a abertura da região de Goiana para investimentos industriais (Fiat, Hemobrás, fábrica de cimento, carcinicultura, etc), que incidem diretamente no meio natural da região, ocasionando desequilíbrio ambiental.

Dentre tantas coisas, um filme repete-se para os mestres de pesca, a saída e o retorno dos jovens à atividade. Pudemos constatar isso, visto que muitos jovens, que antes pescavam com seus pais, foram trabalhar na terraplanagem e construções dos empreendimentos da Fiat e da Hemobrás. Quando essas etapas foram concluídas, a maioria desses jovens retornou para a pesca ao não serem

aproveitados para “serviços com mais estudo”, como frisaram. Para os mestres, isso sempre aconteceu com outras empresas instaladas no local (hotéis, fazendas de camarão, fábricas, etc.). O retorno dos jovens ao trabalho da pesca artesanal representa o sentimento de que essa profissão nunca diz não aos seus, pois “é igual ao coração de mãe, estando sempre aberto” (Chaba, pescador).

Considerações finais

Nos depoimentos dos mestres, o universo da pesca, do trabalho e das dinâmicas ambientais combinam-se para que os mesmos expliquem sua realidade, seu cotidiano e as transformações vividas localmente em profunda simbiose com as dinâmicas socioambientais. Suas histórias de vida são, em larga medida, a história da praia de Carne de Vaca. Nunca é demais frisar que o mestre é o guardião da tradição pesqueira, sendo portador de um profundo conhecimento sobre a história local, o saber-fazer de um ofício e as transformações experienciadas por Carne de Vaca.

Foi possível constatar que os mestres são uma espécie de especialistas acerca do passado e das tradições pesqueiras, bem como responsáveis pela sua recriação e permanência. Logo se fazem peça-chave para se compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo e como a pesca é tensionada pelas novas formas de inserção na totalidade social. Por isso, compreender a pesca de Carne de Vaca, através das histórias de vida de 10 mestres de pescaria, mostrou-se elemento essencial na identificação das mudanças ocorridas em Carne de Vaca nos últimos anos, seja na organização social e econômica do trabalho pesqueiro, seja nos elementos ligados ao tema socioambiental da pesca artesanal.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em dezembro de 2015.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuições ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 7ª. edição. São Paulo: Cortez, 2005.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

BOIVIN, Mauricio; ROSATO, Ana. Pesca y transformaciones socioeconómicas a principio del siglo XXI: un análisis etnográfico de los pescadores del delta entrerriano, Argentina. In: ALCALÁ, Graciela (Org.). **Pescadores en América Latina y el Caribe: espacio, población, producción y política**. Vol. II. México: Facultad de Ciencias de la Universidad Nacional Autónoma de México, 2011. p. 185-211.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. 13ª. Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. **Modernização e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo**, RJ. Niterói: Eduff, 1999.

CASCUDO, Câmara. **Jangada: uma pesquisa etnográfica**. 2ª. Edição. São Paulo: Global Editora, 2002.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Ática, 1983.

_____. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo, Nupaub-USP, 2004.

DUARTE, Luiz. **As redes do suor: a reprodução social dos trabalhadores da produção de pescado em Jurujuba**. Niterói, Eduff, 1999.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Pescadores do rio Amazonas**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

IBAMA. **Boletim estatístico da pesca marítima e estuarina do Nordeste do Brasil – 2007**. Tamandaré-PE: CEPENE/IBAMA, 2007.

INSTITUTO OCEANÁRIO-PE. **Diagnóstico socioeconômico da pesca artesanal do litoral de Pernambuco**. Recife: Instituto Oceanário, 2009.

LIMA, Roberto Kant de. **Pescadores de Itaipu**. Niterói, Eduff, 1997.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In : AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro, FGV, 2006. p. 15-25.

MALDONADO, Simone. **Pescadores do mar**. São Paulo, Ática, 1986.

_____. **Mestres e Mares: espaço e indivisão social na pesca marítima**. São Paulo: Annablume, 1993.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 5ª edição. São Paulo, Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. A desnecessidade do trabalho entre pescadores artesanais. In : **Sociologias**, Porto Alegre, ano 17, n. 38, p. 192-220, jan/abril, 2015.

_____. **Gestão ecológica enquanto conhecimento patrimonial dos pescadores artesanais: um estudo comparativo entre práticas pesqueiras estuarina e marítima em Pernambuco** (relatório final bolsa DCR – Fundaj/Facepe/CNPq). Recife: Fundaj/Facepe/CNPq, 2012a.

_____. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. In: **Revista de Ciências Sociais**, UFC, Fortaleza, vol. 43, n. 1, p. 8-27, 2012b.

_____. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. In: **Revista de Antropologia**, USP, São Paulo, vol. 54, n. 1, p. 315-352, jan/jun, 2011.

_____. **Embarcações do encantamento: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape**, PE. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. **"Ah, esse povo do mar!": um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana**. São Paulo: Editora Polis; Campinas: Ceres, 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Sistema Nacional de Unidades De Conservação (Snuc)**. 7ª. Edição. Brasília: MMA/SBF, 2007.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.